

Mundo



RESPOSTA A ATAQUE AÉREO
EUA aprovam plano contra alvos do Irã
Fontes militares sugerem ações na Síria e no Iraque, mas sem data definida



RETALIAÇÃO INÉDITA

Biden aprova sanções contra colonos acusados de atacar palestinos na Cisjordânia



Destruição. Palestinos inspecionam casa demolida por militares israelenses na vila de Orf na Cisjordânia. No local morava um suspeito de participação em um ataque que deu aos dois israelenses mortos em 2023

O presidente dos EUA, Joe Biden, assinou ontem uma ordem executiva impondo sanções a indivíduos ligados a ataques cometidos por colonos contra palestinos na Cisjordânia, em uma ação considerada sem precedentes por parte da Casa Branca. De acordo com a ONU, foram quase 500 incidentes que deixaram oito palestinos mortos desde os ataques do grupo terrorista Hamas, no dia 7 de outubro do ano passado, e contribuíram para a aumentar as tensões no território.

Nesta leva de sanções, foram incluídos quatro acusados de participar e incitar atos de violência, manifestações e bloqueios, vandalismo contra residências, prédios públicos e veículos, além de ações diretas contra civis. As punições incluem o bloqueio de bens nos EUA e o veto à entrada no país. Em dezembro, o Departamento de Estado já havia vetado a emissão de vistos a colonos ligados a atos de violência.

"As ações buscam a promoção de paz e segurança para israelenses e palestinos", declarou, em comunicado, o secretário de Segurança Nacional, Jake Sullivan.

Em resposta, o premier israelense, Benjamin Netanyahu, afirmou em comunicado que seu governo já age contra pessoas que "violam a lei em todos os lugares", e que "não há lugar para medidas excepcionais neste sentido".

"A maioria absoluta dos colonos na Judeia e Samaria [como os israelenses se referem à Cisjordânia] é de cidadãos que cumprem a lei, e muitos dos quais estão lutando no Exército pela defesa de Israel".

EXPLOÇÃO DE VIOLÊNCIA

As medidas já são consideradas as mais duras dos EUA, maior aliado de Israel, desde o início da guerra na Faixa de Gaza, e funcionários do governo americano apontam que elas podem ser seguidas por outras ações, para evitar que a já tensa situação na Cisjordânia saia de controle.



Segundo o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, houve 494 ataques promovidos por colonos israelenses no território ocupado desde outubro, que deixaram oito palestinos mortos — no mesmo período, 360 palestinos foram mortos pelo Exército de Israel. Entre os israelenses, foram seis mortos, incluindo quatro militares. No ano de 2023, 507 palestinos e 36 israelenses morreram no total, os números mais altos desde 2005. Também foram contabilizados 388 incidentes de destruição de propriedades. Apesar de ser a primeira grande ação crítica a Israel por parte do governo americano desde o início do conflito, e a mais contundente em anos, o texto final da ordem executiva foi mais comedido do que gestariam alguns integrantes do governo. Segundo o site Axios, uma versão inicial do documento chegou a prever inclusão dos ministros Itamar Ben-Gvir e Bezalel Smotrich, dois dos mais radicais defensores da ocupação da Cisjordânia.

Ofensiva. Fumaça é vista em Jenin, na Cisjordânia, durante operação do Exército israelense, em julho de 2023. ONU alertou para aumento de confrontos envolvendo palestinos e colonos

Além de tentar conter a violência na Cisjordânia, Biden busca impactar o público interno. Com a guerra em Gaza, os relatos sobre o agravamento da situação humanitária, muitos de seus eleitores em 2020 cogitaram não ir às urnas em novembro, quando o democrata deve enfrentar o ex-presidente Donald Trump. A medida, mesmo pouco abrangente, pode servir de aceno a esses eleitores.

No Michigan, lideranças da comunidade árabe-americana defendem um boicote ao presidente, mas tampouco pretendem votar em Trump. Anteontem, um juiz federal negou uma ação que pedia o bloqueio da bilionária ajuda anual a Israel, mas pediu a Biden que "examine os resultados de seu apoio inabalável" aos israelenses.

TERRITÓRIO EM DISPUTA

De acordo com números oficiais, cerca de três milhões de palestinos vivem na Cisjordânia. Ao mesmo tempo, o governo israelense reconhece a presença de 465.400 pessoas em assentamentos judaicos no território, considerados ilegais pelas leis internacionais. O número não inclui os assentamentos em Jerusalém Oriental, e as autoridades palestinas afirmam que o número real de colonos supera 700 mil.

Mesmo antes da operação militar em Gaza, o território já era cenário de violência. Marchas nacionalistas incitaram o ódio contra a população árabe, e ações militares contra cidades e vilas, que não raro deixaram mortos, contribuíram para o sentimento de revolta entre boa parte da população, especialmente os mais jovens. Políticas recentes de segurança também incluíram dar armas e treinamento militar a colonos, criando milícias armadas. Desde o início da guerra em Gaza, o apoio ao Hamas no território aumentou exponencialmente. Segundo uma pesquisa divulgada em dezembro do ano passado, 44% dos moradores da Cisjordânia têm hoje visões positivas em relação ao grupo terrorista, contra apenas 12% em setembro. Segundo analistas, o crescimento é um reflexo direto da situação humanitária em Gaza, e dos ataques de colonos e de militares na Cisjordânia.

Catar: Hamas deu aval 'preliminar' para trégua

Segundo porta-voz catari, há esperanças de 'boas notícias' sobre uma nova pausa nos combates nas próximas semanas

Em meio à intensificação dos combates na Faixa de Gaza, o Catar afirmou ontem que o Hamas deu uma "confirmação preliminar positiva" a uma proposta sobre uma trégua com Israel para liberação de reféns detidos pelo grupo durante os ataques terroristas em 7 de outubro.

—A reunião de Paris conseguiu consolidar as propostas. Esta proposta foi aprovada pela parte israelense e agora te-

mos uma informação preliminar positiva por parte do Hamas — disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Catar, Majed al-Ansari, em referência às reuniões que as autoridades catari, americanas, israelenses e egípcias tiveram no último domingo.

Al-Ansari afirmou ainda que há esperanças de "boas notícias" sobre uma nova pausa nos combates "nas próximas semanas". Para reforçar a negociação de uma segunda

trégua, o chefe da diplomacia americana, Antony Blinken, regressará ao Oriente Médio nos próximos dias, confirmou um alto funcionário do país.

PLANO DE TRÊS ETAPAS

Apesar disso, uma fonte próxima do Hamas disse à AFP que ainda não houve acordo sobre a proposta, afirmando que "as facções têm observações importantes — e a declaração do Catar é apressada e não é verdadeira". Uma resposta similar foi dada por Tamer al-Noni,

porta-voz de Hamyah.

—Não podemos dizer que o atual estágio de negociação é zero e, ao mesmo tempo, não podemos dizer que chegamos a um acordo — disse à Reuters.

O Hamas e outros grupos terroristas aliados, como a Jihad Islâmica, sequestraram 250 pessoas durante o ataque de 7 de outubro do ano passado, segundo o balanço de autoridades de Israel. Do total, estima-se que 132 pessoas ainda estejam em cativeiros do grupo que governa a Faixa de Gaza

e de outros extremistas. Em novembro, no último acordo entre as partes, mediado pelos EUA, Egito e Catar, 110 cativos foram libertados em troca de 240 palestinos detidos em prisões israelenses.

Segundo uma outra fonte do grupo, o Hamas está analisando uma proposta de três etapas — a trégua escalonada foi confirmada na segunda-feira pelo premier catari, Mohamed bin Abdulrahman al-Thani. A primeira incluiria uma pausa de seis semanas

durante a qual Israel libertaria entre 200 e 300 prisioneiros palestinos em troca de 35 a 40 reféns. Além disso, entre 200 e 300 caminhões de ajuda humanitária poderiam entrar em Gaza todos os dias.

Apenas "mulheres, crianças e homens doentes com mais de 60 anos" seriam libertados nesta fase, disse a fonte à AFP, pedindo anonimato. Haveria também "negociações em torno da retirada das forças israelenses".

O Hamas exige um cessar-fogo completo como pré-condição para qualquer acordo, enquanto o governo israelense se limita a falar em uma pausa nos combates, mas não em suspender por completo a operação militar em Gaza.